

ENTREVISTA

UMA GUARDIÃ DE MEMÓRIAS: ENTREVISTA COM A PROF.^a DR.^a JOSEBEL AKEL FARES

Edil Silva Costa (Pós-Crítica/UNEB)

Embora nascida no Acre, Josebel Akel Fares é uma paraense que conhece como poucos a vida, o cotidiano e a cultura de Belém e do Marajó. Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA), fez o doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Além de suas atividades como professora e pesquisadora, atualmente dirige a Editora da UEPA. Josebel Akel Fares esteve em Salvador e Alagoinhas, em março de 2010, a convite do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural como palestrante no XIII Seminário Interdisciplinar de Letras e na II Semana de Abertura do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Nessa entrevista ela nos fala de seu percurso de pesquisa em oralidade e da contribuição da Crítica Cultural para a área das Letras, no campo da tradição oral.

.....
Edil Costa: Como foi sua passagem por Alagoinhas e qual sua expectativa em relação ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural?

Josebel Fares: A minha estada na Bahia foi muito produtiva e amável. Primeiro porque pudemos trocar idéias, experiências, saberes, estabelecer um processo comparativo da luta que todos nós, professores universitários, temos empreendido para a melhoria pós no Brasil. Estar em Alagoinhas, discutir nossas pesquisas daqui de Belém é entender o espaço da produção de conhecimento e das carências dos habitantes do Brasil das bordas. É lugar comum dizer sobre a incompreensão que sofremos em relação ao centro do país, a piada da pergunta se ainda há índio nu e cobra andando pela rua na Amazônia, se já vimos um metrô, ainda são pertinentes e recorrentes, da mesma forma que a preguiça baiana é cantada.

Quando fui convidada pela voz amiga da professora Edil Costa para vir para estas rodas de conversas, me surpreendi e entendi que a UNEB começa um processo de mudança, de pensar os muitos brasis e que o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural compreende a diversidade cultura brasileira e traz o diverso para o interior da discussão. Trazer uma professora de Belém, da Amazônia é uma honra, uma glória. É assim que me sinto com o trabalho que desenvolvemos e com a acolhida de todos.

E. C.: Como a senhora vê a contribuição dos estudos culturais ao campo das Letras? O que mudou nos nossos cursos de graduação e pós-graduação com esse diálogo com a cultura?

J. F.: Os estudos culturais tiram os saberes das caixinhas, ampliam a discussão em diferentes direções, revelam contextos e, apesar de ainda convivermos um pouco com esta situação de aprisionamento do conhecimento, importa entendermos estes trânsitos, essas cartografias de saberes em diferentes direções, o aprofundamento e não a superficialidade que alguns defensores da *unicidade* insistem. Lógico que não estamos querendo queimar as obras que deram a base das nossas especificidades, elas são essenciais às nossas áreas de origem, mas é também necessária a compreensão dos livros abertos, da Obra aberta, para citarmos Eco, de que os caminhos que ultrapassam a via central: que há entradas pelas veredas, pelos atalhos, que implicam comumente em estar nas margens e nos processos interdisciplinares. Acredito que nós, das Universidades Estaduais brasileiras, estamos andando tropeadamente por aí. E os cursos de letras, como um dos mais numerosos no país, têm avançado neste rumo estreito.

E. C.: Fale de seu percurso de pesquisa: da dissertação, da tese...

J. F.: Ao longo de minha trajetória de trabalho, tenho me debruçado nas ditas culturas das bordas. Estudo a literatura infantil, as culturas e literaturas de expressão amazônica, onde se inclui as literaturas orais, matéria que estudei no mestrado em Teoria Literária na UFPA e no doutorado em Comunicação e Semiótica na PUC/SP. Em ambas pesquisas, trabalhei com memória, oralidade e as mitopoéticas, tendo como *locus* a

Amazônia, em município paraenses. No mestrado, estudei um personagem bastante recorrente na região e a dissertação intitulou-se *Imagens da Mitopoética Amazônica: um memorial das matintas pereras*. A dissertação foi orientada por Ernani Chaves e defendida em 1997¹.

No doutorado, escrevi *Cartografias Marajoaras: cultura, oralidade e comunicação*², orientada pela prof^a Jerusa Pires Ferreira e defendida em 2003.

1 Resumo da Dissertação: *O percurso da dissertação é pleno de vozes que chegam de vários lugares e tempos. Os fragmentos de memória dos contadores de Bragança, município do Pará/Amazônia/Brasil, são recolhidos e misturados com outros. A dança das vozes andarilhas perscruta memórias que se individualizam no ato de contar e recriam ou atualizam a matéria tradicional. A personagem escolhida para representar essas vozes do imaginário amazônico é a **matinta perera**. Encontrada com vestes e adereços semelhantes ou diferentes nos locais por onde passa, é presença marcante na região Norte do Brasil. Esse mito, que ora se configura como aéreo, ora como terreno, ora é invisível, toma os contornos da imaginação de quem conta, ouve ou vê, todavia no momento epifânico guarda singularidades: a matinta é uma aparição noturna, que marca presença através de um assobio desassossegador ou desafiador. O corpus deste trabalho compõe-se de quatorze narrativas recolhidas em Bragança, através do projeto Ifnopap (O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense), no período de 93 a 95, que são analisadas em cotejo com outras publicadas em coletâneas de contos ou ouvidas e tem como chave para a leitura os contrapontos oralidade x escritura, imaginário x simbólico, memória x esquecimento, individual x coletivo.*

2 Resumo: *A tese constrói cartografias do Marajó, território situado no extremo norte do Pará, na Amazônia brasileira, baseada na cultura, oralidade e comunicação. A voz guia para a constituição do desenho do texto são as poéticas, predominantemente vocais, recolhidas em pesquisa de campo, em quatro municípios – Cachoeira do Arari, Soure, Breves, Melgaço – dois da região dos campos e dois dos furos e ilhas marajoaras. A maioria dos narradores ouvidos tem mais de cinqüenta anos, daí que o antigamente da memória recontada reporta-se, aproximadamente, à metade do século XX. A força intervocal ganha a presença da literatura escrita, entre autores citados, Dalcídio Jurandir estabelece um diálogo permanente com o oral. Além do registro poético, há uma exaustiva busca bibliográfica sobre a cultura amazônico-marajoara, que inclui textos do século XVIII ao XXI, referências fundamentais na montagem. O trabalho divide-se em duas partes. Começa com uma visão larga das paisagens amazônicas, como a fisiografia das águas e dos campos, e com os de relatos de viagens realizadas por estrangeiros, no rio Amazonas, séculos XVIII e XIX, e das crônicas das pesquisas em busca do poético, no XXI. O rio estreita-se, as cartografias poéticas, segunda parte, baseiam-se nas vozes de Cachoeira do Arari, apresentam os intérpretes; mapeiam os elementos da cultura e da comunicação, indicadas nas falas: os emblemas*

E. C.: Qual a linha de pesquisa em que a senhora atua na UEPA?

J. F.: Atuo no Programa de Pós Graduação em Educação, na linha Saberes Culturais e Educação na Amazônia, que atua na investigação de temas relacionados aos processos de educação brasileiro e amazônico, dentro e fora da escola, como representações, imaginários, conhecimento e poder inerentes às práticas socioculturais e educativas. Tem como objetivos aprofundar conhecimentos no sentido de fortalecer a identidade cultural da Amazônia, bem como contribuir para a construção de práticas sócio-educacionais ética, epistemológica e politicamente comprometidas com os saberes de grupos excluídos ou socialmente marginalizados pela ciência oficial. As pesquisas situam-se nos pressupostos da educação intercultural e se trabalha com vista a construção de cartografias de saberes. A área de interesse em que me situo é Identidade, Diversidade Literária e Educação na Amazônia e Saberes, Imaginários e Representação em Práticas Educacionais na Amazônia. Tenho orientado temas como práticas ou processos educativos em comunidades indígenas, remanescentes de quilombos, carnavalesca, das ilhas de Belém, estudo sobre representações da educação na literatura, sobre leitura e por aí se vai...

E. C.: A senhora participa de associações como a ANPOLL, a ABRALIC e a BRASA. Qual o papel dessas associações na vida acadêmica e para os cursos de pós-graduação no Brasil?

J. F.: Nos encontros internacionais e nacionais dessas entidades, temos encontrado parcerias, trocado idéias, formado bancas, elaborado projetos, e construídos redes, às vezes, mesmo informais, de pesquisadores, de estudos, de orientações. Todavia, este ano tomamos um susto, pois o nosso Gt de literatura Oral e Popular, que sempre acatou inscrições de mestrands e até estudantes de iniciação científica como ouvintes, foi impedido pela nova diretoria da ANPOLL: só doutores poderiam participar, mestres e mestrands apenas como ouvintes. Isto para o Gt, que existe há 25 anos com esta prática (estou a cerca de 15 anos), é um retrocesso. Muitos de nós, e me incluo aí, recebemos

e os ícones, mostram traços como da cerâmica marajoara, da cidade, dos costumes; as mito-poéticas, analisam o tempo mítico, o espaço das encantarias e as metamorfoses.

orientações e fortalecemos nossas pesquisas em cursos de mestrado e doutorado nestes encontros. Lamentável. Esperamos que as demais entidades não entrem nesta barca e que a Anpoll não afunde mais nosso espaço de discussão, como aconteceu neste ano de 2010.

E. C.: Como tem sido sua atuação na Editora Universitária?

J. F.: Com muito esforço, temos tentado entender esta outra área tão complexa quanto à docência. A atual equipe na EDUEPA tem feito revisão de conselho, critérios editoriais, estabelecimento de formas mais transparentes da política editorial. A editora é nova, tem menos de 10 anos; os técnicos são novos, todo mundo cheio de boa vontade, suando a camisa, mas sabemos que necessário muito mais.

E. C.: Sabemos das dificuldades enfrentadas pelas editoras universitárias no Brasil, principalmente no Norte e no Nordeste. O que podemos fazer para minimizar essas dificuldades?

J. F.: Olha, penso que parcerias podem nos ajudar. Os recursos são poucos e juntos talvez encontremos formas de diminuir custos de publicações e distribuição, mas para isso seria desejável estabelecer uma política de produções acadêmicas conjuntas entre nossas IES, nossos programas de pós-graduação. UEPA e UNEB, que tal? Também corremos em busca de recursos em instituições de fomento nacionais e locais, aqui no Pará, a Fapespa têm lançado editais de pesquisa, de extensão e de publicações, entre outros, e com isto os professores com recursos aprovados resguardam um quinhão para publicação, o mesmo acontece em relação a projetos aprovados em agência nacionais e assim se vai melhorando o catálogo da editora.

E. C.: Fale do livro (e do projeto) *Histórias de Belém...*

J. F.: A pesquisa Memória da Belém de Antigamente é coordenada e executada por professores e alunos do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), registrado no diretório 5/CNPq, ligado ao Centro de Ciências Sociais e Educação, da

Universidade do Estado do Pará, grupo que abriga cerca de 60 participantes, entre pesquisadores e alunos. O projeto tem como proposta contribuir para a recuperação da memória sociocultural de Belém, de 1940 a 1960, por meio da voz das lembranças de idosos com mais de 65 anos. É uma pesquisa qualitativa e se utiliza da metodologia de história oral. O trabalho desenvolve-se em três partes, duas etapas concluídas e uma em fase de conclusão.

A primeira etapa constitui-se do projeto “Memória de Belém em história de velhos” (2004/5). Os intérpretes foram 10 moradores do Asilo Pão de Santo Antônio e se registrou a cidade no aspecto sociocultural, de forma geral, como bairro, moradia, equipamentos urbanos, transporte, saúde, escolaridade, divertimento, moda, política. A segunda etapa é “Memória de Belém em Testemunho de Artistas”(2006/7). Por meio de vozes de 11 artistas das diferentes expressões estéticas, a Belém foi desenhada, especialmente, pelas narrativas vindas do mundo das artes, os aspectos artísticos da cidade: espaço, formação e circulação, mas também por aspectos mais gerais.

Na terceira parte, em fase de conclusão, “Memória de Mestre: Belém Antiga em Narrativas de Professores da Educação Básica”, prossegue-se a urdidura do município por meio da voz de 07 educadores, e, assim, reconstrói-se as dimensões da educação e da história social, com traços expressos nos relatos sobre escolas, professores, métodos de ensino, bem como movimentos educacionais para além do instituído.

O resultado das duas primeiras partes da pesquisa, que foram financiadas pela Universidade do Estado do Pará/ *Programa de Apoio e Desenvolvimento às Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão* foi publicado no livro *Memórias de Belém de Antigamente* (Belém: EDUEPA, 2010). A terceira parte da pesquisa “Memória de Mestre: Belém antiga em narrativa de professores” é financiada pelo CNPq, Fapespa e UEPA. Além dos artigos produzidos para eventos acadêmicos, periódicos, anais, já concluímos ou está em fase de finalização 12 artigos, escritos por pesquisadores e alunos participantes do projeto. Os resultados da pesquisa comporão o livro *Memórias de Belém de Antigamente, vol. II*, previsto para ser publicado em 2011.

E. C.: Apesar das distâncias e das diferenças, quais aproximações podemos fazer entre Bahia e Pará?

J. F.: Esta é muito difícil de responder. A Bahia que conheço ao vivo é mais Salvador, fui muito pouco a outras cidades, mas elas me foram apresentadas por vozes de amigos e por Jorge Amado, quando li toda a obra aos 18 anos. O Pará, apesar de ter grandes dimensões (como a Bahia), conheço bastante e, mesmo morando em Belém, sempre viajo pelo estado para cursos, palestras, desenvolvimento de projetos e também passeios. Por esta vivência, asseguro que temos muitas coisas em comum, como e especialmente o calor da acolhida, a disposição para o novo, a diversidade artística. O Brasil conhece muito a arte da Bahia, principalmente a música e a literatura, e pouco do Pará. Me arrisco a um paralelo entre ícones das nossas culturas: por exemplo, ao lado de Dorival Caymmi, temos Waldemar Henrique; de Jorge Amado, um Dalcídio Jurandir; de Capinam, um Ruy Barata e por aí vai, mas como se percebe, os amazônidas tem muito menos projeção nacional. Agora, entre axé e brega, nem se fala, a indústria cultural se encarrega de equiparar. E só para terminar, quero citar os sabores. A nossa culinária é especial, o dendê ensopa as moquecas e o tucupi peixes e patos. O Pará é conhecido pela especialidade de sorvetes, na Ribeira experimentei também uma grande diversidade, tal qual em Belém. Êta Brasil, tão diferente e tão parecido! E jamais podemos esquecer que o nordeste contribuiu no processo de colonização da região amazônica, secos e molhados, *aquanarrativas* e *sedenarrativas* nos difere e nos aproxima, esta conversa vai longe...

RECEBIDO EM: 03 de novembro de 2011

APROVADO EM: 14 de dezembro de 2011